



Prof. Marco Pádua

DIONYSIUS EXIGUUS
O criador do Anno Domini

Dionysius Exiguus (Dennis o Pequeno ou Dennis o Curto, significando humildade) (470 – 544 d.C.) foi o sexto monge do século nascido em Scythia Minor, onde hoje é agora o território de Dobruja, Romênia, considerado um membro dos "monges de Scythian".

Aproximadamente no ano 500 d.C., residindo em Roma como membro instruído da Cúria do Vaticano, traduziu do grego para o latim 401 cânones eclesiásticos, inclusive os cânones apostólicos e os decretos dos conselhos de Niceia, Constantinopla, Chalcedon e Sardis, e também uma coleção de decretos do Papa Siricius para Anastasius II. Estes documentos tiveram grande importância para o Ocidente e ainda norteiam as administrações da Igreja. Dionysius também escreveu um tratado em matemática elementar. Bede e Felix elevaram-no a abade (um líder de monges) embora o amigo de Dionysius, Cassiodorus declarou em *Institutiones* que ele considerava-se apenas um monge em toda a sua vida.

Anno Domini:

Dionysius é mais conhecido como o criador do Anno Domini que é usado para numerar os anos do calendário Gregoriano e Juliano. Ele usou-o para identificar as datas da Páscoa em sua cronologia, mas, não datou qualquer evento histórico. Em sua primeira citação tomando por base o calendário Juliano, menciona a gestão de um consul, segundo na hierarquia imperial, declarando que: “O ano presente refere-se ao consul Flavius Probus, passados 525 desde a encarnação (concepção) de nosso Senhor Jesus Cristo.” Como ele chegou àquele número é desconhecido. Ele criou um sistema novo de numerar os anos substituindo o vigente baseado na ascensão de Diocleciano (245 – 316 d.C.), usado para datar a Páscoa, pois não desejava lembrar a memória de um tirano que perseguiu os cristãos. O Anno Domini passou a ser utilizado na Europa Ocidental depois que foi usado pelo Venerável Bede (monge beneditino inglês) para datar os eventos na História Eclesiástica Inglesa, no ano corrente de 731 d.C.

Datas da Páscoa:

Em 525 d.C., Dionysius preparou uma tabela com as futuras datas da Páscoa contendo uma série de "argumentos" que explicava seu cálculo, fazendo-o por iniciativa própria e não a pedido do Papa João. Nota-se que só os primeiros nove argumentos são propostos por Dionysius. Os argumentos de 10 a 16, como também os segundos parágrafos dos 3 e 4 e o terceiro parágrafo dos 9 são interpolações posteriores. Argumentos de 11 a 12 insinuam que foram interpolados no ano 675, logo antes de “Saint Bede”. Ele apresentou sua cronologia e argumentos em uma carta para o bispo Petronius (escrita em 525 d.C.) e outra carta explicativa em 526 d.C.

Ele ignorou as tabelas usadas pela Igreja de Roma que fora preparada em 457 d.C. por Victorius de Aquitânia alegando não obedecer aos princípios da Igreja de Alexandria. Estando seguro que sua cronologia estava correta, ele ampliou as tabelas preparadas em Alexandria. Elas já haviam circulado no Oeste em latim simplesmente, mas nunca era usado no Oeste para determinar as datas da Páscoa (usadas no Império Bizantino, em grego). A cronologia latina fora preparada por um subordinado do Bispo Cirillo de Alexandria antes de sua morte em 444 d.C. Valendo por um período de 95 anos ou cinco ciclos de dezenove anos, iniciava-se na era de Diocleciano, ou seja, em 285 d.C. (cronologia moderna). A contagem a partir de Diocleciano era vantajosa porque havia precisão na divisão em ciclos de 19 anos.

Baseando-se no ciclo lunar, a Pascoa era celebrada em 22 de março a cada 19 anos, o qual considerou como ano zero, fazendo Dionysius seu precursor. Usando a palavra “*nulla*” que em latim significa “*nada*”, substituiu o numeral que era inexistente em algarismos romanos.

A palavra *nihil* também substituiu o zero e foi usado por “Beda Venerabilis” que ampliou a cronologia de Dionysius abrangendo um ciclo extenso do calendário Juliano. Porém, a Europa medieval só pode dispor do numeral zero a partir do segundo milênio, quando na Índia já o dispunha ao redor do ano 600 d.C.

Dionysius considerou seus calculos, a partir do último ciclo de dezenove anos computado por Cirillo que termina com a ascensão de Diocleciano em 285 d.C., e então adicionou a contagem do ano novo a partir do *Anni Domini* (*Anos de Nosso Senhor Jesus Cristo*). Explicou a Petronius que não desejava preservar a memória de um tirano que perseguiu os cristãos. Porém formulou seu sistema a partir do ano 532 d.C. alegando faltar ainda seis anos para completar o ciclo de dezenove anos. Sabia também que as datas da Pascoa Vitoriana e Alexandrina não eram semelhantes, concluindo que não havia nenhuma relação entre elas. Porém, matematicamente tudo estaria explicado, se fosse percebido.

Durante o ano posterior declarou que calculou 525 anos da Encarnação de Cristo, sem citar nenhum outro calendário. O fato de não haver concordância da data da Pascoa naquele ano de 532 d.C., o mesmo não ocorreria nos anos seguintes, sem que ele percebesse. Para chegar a esta conclusão deveria relacionar o calendário Judaico com o Juliano.

Não há nenhuma evidência que a Igreja de Roma aceitou seu sistema até o décimo século, embora seja possível que fora aceito algum dia durante o sexto século. A maioria da Igreja britânica o aceitou depois do Sínodo de Whitby em 664 d.C., sendo que algumas igrejas e monastérios se recusaram. Fato que se consumou durante o décimo século. A Igreja da França aceitou durante o nono século sob a tutela de Alcuin, recém chegado da Inglaterra.

Desde o segundo século, alguns bispados no Império romano Oriental tinham contado anos a partir do nascimento de Cristo, mas não havia nenhum acordo oficial. Clemente de Alexandria (190 d.C.) e Eusebius de Caesarea (320 d.C.) escreveu sobre essas tentativas. Pelo fato de Dionysius não colocar a Encarnação em um ano explícito, os estudiosos deduziram datas contraditórias para o evento como 1 d.C. e 1 a.C.

A maioria definiu 1 a.C. (os historiadores não usam um ano zero). Quando ocorreu a proposição de Dionysius, a data da Páscoa foi celebrada em 25 de março, evento presumível também da Encarnação, insinuando assim haver completado 525 anos até àquela data, referendando-a. Entendendo que o nascimento de Jesus seria depois de nove meses civis, Dionysius insinuou, mas nunca declarou que o evento ocorreu em 25 de dezembro a.C.

Só um estudioso, Georges Declerq (Declerq, 2.002), pensa que Dionysius colocou a Encarnação e Natividade dentro 1d.C., fundamentando sua conclusão em suas próprias tabelas de Páscoa. De qualquer forma, Dionysius ignorou seus antecessores que normalmente colocaram a Natividade em 2 a.C. Kepler (astrônomo inglês) anteviu o nascimento de Cristo durante o reinado do Rei Herodes, o Grande (Mateus 2:1–18), situando sua morte em 4 a.C. Kepler escolheu este ano porque Josephus (historiador judeu) declarou que um eclipse lunar ocorreu antes da morte de Herodes. John Pratt (1.990) da Sociedade Planetária Internacional propôs outro eclipse em 29 de dezembro de 1 a.C. De acordo com Josephus, Herodes morreu pelo ano 4 ou 3 a.C. Portanto não há consenso nas afirmações.

Embora Dionysius declarando que o Primeiro Conselho de Niceia em 325 d.C. fundamentou seu método para datar a Páscoa, os documentos existentes são ambíguos. Mesmo sendo diferentes, os métodos Romano e de Alexandria, foram referendados pelo Conselho de Niceia. O método de Dionysius tinha sido na verdade usado pela Igreja de Alexandria (não pela Igreja de Roma) pelo menos já em 311 d.C., e provavelmente começou durante a primeira década do quarto século, suas datas sendo naturalmente determinadas no calendário de Alexandria. Assim, Dionysius não desenvolveu um novo método para datar a Páscoa. O mais que ele pode ter feito foi converter seus argumentos do calendário de Alexandria para o Juliano.

A data da Páscoa no calendario Juliano começa em 21 de março, ou seja, no 14º dia após a Lua Nova do mes de Nissan (calendario judaico). Era costume matar cordeiros para celebrar a Páscoa (libertação do povo judeu do domínio egípcio), persistindo até a destruição do Segundo Templo em 70 d.C. A Igreja de Alexandria pode ter escolhido esta data por ser o dia em que Cristo foi crucificado de acordo com o Evangelho de João (18:28, 19:14), mesmo contradizendo os Evangelhos de Mateus (26:17), Marcos (14:12), e Lucas (22:7). O método de Dionysius de computar a Páscoa usando datas do calendário Juliano, também é chamado de Páscoa Juliana. Essas datas de Páscoa ainda são usadas por quase todas as Igrejas Ortodoxas. A Páscoa gregoriana tem as mesmas raízes, mescladas com suas próprias datas solares e lunares.